

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Formação Docente nas Dimensões Ética, Estética e Política



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Formação Docente nas Dimensões Ética, Estética e Política

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F723 A formação docente nas dimensões ética, estética e política 1
[recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. –
Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Formação Docente
nas Dimensões Ética, Estética e Política; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-568-6

DOI 10.22533/at.ed.686190209

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Ética. 3. Professores –
Formação – Brasil. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “A formação Docente nas Dimensões Éticas, Estética e Política 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Atualmente, o modelo de desenvolvimento econômico, o processo de globalização, os avanços tecnológicos, que geram rápidas e constantes mudanças em todos os setores da sociedade, têm exigido das instituições, principalmente da escola, maior eficácia, produtividade, qualidade e competitividade, suscitando a necessidade de profissionais competentes e atualizados, capazes de assumir os diferentes papéis no mercado de trabalho e no contexto em que vivem.

Os saberes adquiridos nas formações iniciais já não oferecem suporte para exercer a profissão com a devida qualidade, como acontecia até pouco tempo, conforme alude Lévy (2010, p.157): “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início do seu percurso profissional, estarão obsoletas no fim da sua carreira”.

Na atividade docente torna-se ainda mais premente que ocorra a formação continuada, pois o ofício de professor não é imutável, suas mudanças incidem principalmente pelo surgimento e a necessidade de atender as “novas competências”. Este ofício vem se transformando, exigindo: prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidades crescentes, pedagogias diferenciadas, sensibilidade à relação com o saber e com a lei. Tudo isso leva a um repensar da prática e das competências necessárias para o desempenho do papel de educador.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

Conforme Imbernón (2001) a formação continuada, entendida como fomento do desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, eleva o trabalho para que ocorra a transformação de uma prática. Tal prática está para além das atualizações científicas, didáticas ou pedagógicas do trabalho docente. A formação continuada supõe uma prática cujo alicerce é balizado na teoria e na reflexão para a mudança e a transformação no contexto escolar. Dessa forma, os professores passam a ser protagonistas de sua história, do seu fazer pedagógico, e de uma prática mobilizadora de reflexão sobre tudo o que vêm realizando (Nóvoa 1999; Schon 1997).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem

provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola em sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade. Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A (RE)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS PEDAGÓGICA: DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO	
Ayala de Sousa Araújo Anderson Nildo dos Santos de Jesus Rafaela Caroline Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6861902091	
CAPÍTULO 2	10
A CONTRIBUIÇÃO DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO CICLO ALFABETIZADOR, EM SERRA DO MEL-RN	
Themis Gomes Fernandes Maria Kéllia de Araujo Francisca Erenice Barbosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6861902092	
CAPÍTULO 3	24
A EDUCAÇÃO EM SAÚDE PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: UM OLHAR SOBRE A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Manoel Messias Santos Alves Bruno Meneses Rodrigues José Elyton Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6861902093	
CAPÍTULO 4	38
A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA PARA JOVENS E ADULTOS NO SÉCULO XIX NA PROVÍNCIA DE SERGIPE	
Maria dos Prazeres Nunes Simone Silveira Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.6861902094	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA NA DOCÊNCIA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Adeilton Santana Nogueira Éverton Gonçalves de Ávila Vera Maria dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6861902095	
CAPÍTULO 6	59
A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Viviane Novaes de Souza Leandro dos Santos Camila Mota Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6861902096	
CAPÍTULO 7	69
A LITERATURA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Nailson dos Santos Almeida Suely Cristina Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6861902097	

CAPÍTULO 8	80
A POPULARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS EM FUNÇÃO DA ASTRONOMIA SOLAR	
Caio Crespo Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6861902098	
CAPÍTULO 9	89
A PROBLEMÁTICA DO <i>BULLYING</i> NA ESCOLA: REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A GESTÃO E A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	
Lucyvânia D'arc Duarte Ribeiro	
Raimunda Rita de Cássia Nascimento Silva	
Sandra de Sousa Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.6861902099	
CAPÍTULO 10	98
A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO: AS CONCEPÇÕES QUE NORTEIAM OS DISCURSOS DOS PROFISSIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR	
Paloma Rezende de Oliveira	
Joselaine Cordeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.68619020910	
CAPÍTULO 11	111
ABORDAGEM DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA PRESENTE NO CONTEÚDO GENÉTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA	
Franciane Silva Lima	
Hellen José Daiane Alves Reis	
Andréa Martins Cantanhede	
DOI 10.22533/at.ed.68619020911	
CAPÍTULO 12	123
AS COMPETÊNCIAS DO GESTOR EMPREENDEDOR PARA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS PELOS PROFESSORES E ALUNOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Ada Mônica Santos Brito	
DOI 10.22533/at.ed.68619020912	
CAPÍTULO 13	134
ATUALIZAÇÕES DIDÁTICAS: DE TRAJANO À FOTOGRAFIA INTELIGENTE	
Adeilton Santana Nogueira	
Éverton Gonçalves de Ávila	
Daniel Bramo Nascimento de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.68619020913	
CAPÍTULO 14	146
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	
Danise Vivian Gonçalves dos Santos	
Eunice Maria da Silva	
Renata Aparecida Dias Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.68619020914	

CAPÍTULO 15	158
BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: A IMPORTANCIA DA EMPATIA E DA PERCEPÇÃO	
Vinícius Lurentt Bourguignon	
DOI 10.22533/at.ed.68619020915	
CAPÍTULO 16	195
BLOCOS DE MONTAGEM COMO ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Camila Mendonça Romero Sales	
Arthur Rezende da Silva	
Diego da Silva Sales	
Aline Pires Vieira de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.68619020916	
CAPÍTULO 17	203
CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DE SI: COMPARTILHANDO O TRABALHO NAS TURMAS DE AEE	
Andréa de Sá Rocha Nogueira	
Geórgia Oliveira Costa Lins	
Hildiana Maria Gomes Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.68619020917	
CAPÍTULO 18	213
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO BRASILEIRO NO SÉCULO XXI: DO QUADRO À TELA	
Elizabeth Danziato Rego	
DOI 10.22533/at.ed.68619020918	
CAPÍTULO 19	227
DIÁLOGOS ENTRE CINEMA, FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E INFÂNCIA	
Larissa Ferreira Rodrigues Gomes	
Fabiola Alves Coutinho Gava	
Maria José Rassele Soprani	
DOI 10.22533/at.ed.68619020919	
CAPÍTULO 20	236
EDUCAÇÃO E EMPODERAMENTO UM ATO DE INCLUSÃO	
Maria Aparecida dos Santos Siqueira	
Julia Tadeu Silva dos Santos e Paula	
DOI 10.22533/at.ed.68619020920	
CAPÍTULO 21	247
EDUCAÇÃO RURAL EM SERGIPE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Leandro dos Santos	
Viviane Novaes de Souza	
Elisson Souza de São Jose	
DOI 10.22533/at.ed.68619020921	

CAPÍTULO 22 257

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID BIOLOGIA DA UFRR

Wilma Lima Lira

Jairo Ferreira de Oliveira

Lucilia Dias Pacobahyba

Maria Aparecida Neves

Silvana Tulio Fortes

DOI 10.22533/at.ed.68619020922

SOBRE A ORGANIZADORA..... 267

ÍNDICE REMISSIVO 268

DIÁLOGOS ENTRE CINEMA, FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E INFÂNCIA

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes

Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Professora do CEI Criarte-Ufes. Coordenadora do Projeto de ensino “Cinema como modo de pensar a Infância e a Formação Inicial de professores”.

Universidade Federal do Espírito Santo/
PPGMPE/ CRIARTE
larirodrigues22@hotmail.com

Fabíola Alves Coutinho Gava

Mestre em Educação. Professora do CEI Criarte-Ufes. Professora colaboradora do Projeto de ensino “Cinema como modo de pensar a Infância e a Formação Inicial de professores”.

Universidade Federal do Espírito Santo/ CRIARTE
fabiola.acg@gmail.com

Maria José Rassele Soprani

mjososoprani@hotmail.com

RESUMO: Pensar como o encontro com o cinema pode provocar novos modos de pensar e fazer docente, novos modos de ver e viver a infância é questão apontada nesse texto, que tem o objetivo de ampliar o pensamento sobre como o cinema pode potencializar estudos, diálogos e práticas entre/com professores em formação inicial. Os estudos de Bérghson (2006) e Deleuze (1990, 2006, 2007) contribuem para provocar o pensamento ao encontro do cinema

e de suas imagens, onde destacamos que o debate se justifica pelas redes de conversações possibilitadas pelo cinema, articulando teoria e prática nos processos de formação inicial de professores no encontro com a infância. Partindo da experiência vivenciada no ano de 2015, com o Projeto de Ensino “Cinema como modo de pensar a infância e a formação inicial de professores”, junto a estudantes de licenciaturas, professores e crianças do Centro de Educação Infantil Criarte, na Universidade Federal do Espírito Santo, questões apontadas com os estudos e produções envolvendo teoria/prática, espaço acadêmico/escolar, professor/aluno, desdobraram-se nos anos de 2016, 2017 e 2018, no Projeto de Pesquisa “Cinema, infâncias e formação inicial de professores” no qual, por meio da análise e problematização das produções, buscou-se ampliar a compreensão de como o cinema pode potencializar redes de estudos, conversas e práticas entre/com os professores. Para esse trabalho, utilizou-se a pesquisa de abordagem qualitativa, com a análise de conteúdo, onde os dados produzidos, com os materiais e documentos textuais e audiovisuais gerados junto aos estudantes, professores e crianças participantes da pesquisa no ano de 2015, passaram por uma pré-análise visando compreender questões referentes a temática e definir materiais e documentos a serem analisados. Definindo-

se os planos de aula e os filmes produzidos pelos participantes, como documentos iniciais a serem analisados, os mesmos revelaram dados referentes a articulação entre teoria/prática docente e a possibilidade da vivência com o cinema nos espaços de conversas, estudos e ações de adultos e crianças da educação infantil, trazendo apontamentos que desdobraram-se e ampliaram as redes de conversações com os estudantes/professores participantes, resultando novas produções e apontando caminhos referentes ao sentido e as vivências com o cinema e com a infância na formação inicial de professores. Os dados até agora levantados apresentam percepções quanto aos diálogos e práticas possíveis quanto à formação docente tendo o cinema como disparador de experiências no e com o cotidiano da educação infantil. Nessa direção, as questões enunciadas nos dados preliminares desse estudo nos trazem apontamentos quanto às articulações entre teoria/prática, formação inicial/continuada, espaço acadêmico/escolar, professor/aluno, adulto/ criança, tendo como ponto de reflexão e provocação as imagens apresentadas pelo cinema, numa reflexão sobre modos de pensar e fazer a docência, modos de ver e conviver com a infância. Na busca por tecer considerações, nota-se que a experiência com o cinema na formação inicial de professores junto a infância, possibilitou a ampliação de novos modos de fazer e refazer a docência e novos modos de olhar para a infância, para as crianças e para suas potencialidades, aproximando os estudantes/professores, dos sujeitos, dos modos, dos tempos e dos espaços da educação infantil, a fim de ampliar as redes de conversas, ações e práticas docentes, colaborando com a articulação e aproximação entre teoria e prática.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial. Cinema. Infância.

IMAGENS INICIAIS...

A formação inicial de professores como um movimento de constituição de subjetividades criadoras no âmbito da Universidade, tem chamado nossa atenção para um importante processo que, ao se estabelecer por redes de conversações, possibilitada a produção de trabalhos coletivos e inventivos, elaborando subjetividades a-centradas que podem encarnar nas escolas outras lógicas que não a de um aprender e ensinar triste, enclausurado, dogmático e moralizante.

Em meio ao universo material de imagens-movimento, busca-se nas dobras de subjetivação outros modos de pensar, outras lógicas para os contextos formativos, tomando como base o cinema como forma de pensamento e de problematização da formação inicial de professores e de suas relações com a infância. As potencialidades dessa forma de pensamento, segundo Deleuze (2007), estão em realizar uma classificação das imagens cinematográficas como imagens-movimento e imagens-tempo, permitindo problematizar a educação a partir do cinema, considerando-o como criação de diferença. Assim, falar da formação inicial de professores e da infância pelas e com as imagens-movimento e imagens-tempo significa deslizar por lógicas não dogmáticas, por um tempo puro que remete o pensamento e as ações para

outras possibilidades de docências, de infâncias e de aprendizagens nas escolas.

A abordagem da presente temática em “redes de conversações” (CARVALHO, 2009) junto aos estudantes das licenciaturas da Universidade Federal do Espírito Santo e à crianças da Educação Infantil, pautou-se pela intencionalidade de se pensar e compreender a infância e a docência por meio de outras imagens que ajudem a movimentar o pensamento e as ações docentes para processos de aprender e ensinar mais inventivos e diferenciais, que se constituam para além da lógica de enquadramento da infância ou de projeção futura que se vislumbra diante da formação e do trabalho docente.

Partindo da perspectiva de já não ser possível considerar uma formação docente sem que se tome o cinema como importante meio de pensamento e de educação, as experiências apresentadas nesse trabalho, foram produzidas a partir do Projeto de Ensino “Cinema como modo de pensar a Infância e a Formação Inicial de professores”¹, realizado no Centro de Educação Infantil “CRIARTE”, na Universidade Federal do Espírito Santo, no qual trazemos o recorte de algumas interferências intensivas produzidas por estudantes do curso de pedagogia de diferentes Instituições de Ensino Superior em suas relações de constituição docente no contato direto com crianças, provocando e sendo provocadas pelas imagens cinema.

A teoria do cinema ajudou a compor um movimento *praticoteoricoprático* que auxiliou no desenho de linhas conceituais acerca do debate sobre formação e subjetivação docente, bem como no movimento dos usos de imagens cinematográficas como disparadoras de conversações entre/com professores e crianças. A partir das concepções neorealistas do cinema, com base nos estudos de Deleuze (2007), já que em “[...] vez de representar um real já decifrado, o neo-realismo visava um real, sempre ambíguo, a ser decifrado; por isso o plano-sequência tendia a substituir a montagem das representações”.

Desse modo, o debate sobre formação inicial se torna potente, pois é capaz de ir além das simples percepções encadeadas pela imagem-movimento que monta uma cena em prol de representar uma ação e “[...] que nos impedem de ver o que o real tem de insuportável, inaceitável, que nos impede de ter uma relação direta com o real” (MACHADO, 2009, p. 274).

IMAGENS CINEMA E O MOVIMENTO DO PENSAMENTO

Como o cinema pode potencializar as problematizações sobre os processos de formação inicial de professores e sobre as infâncias?

Bergson (2006), e, mais especificamente, Deleuze (2007), contribuem com essa questão quando apontam “[...] o universo das imagens como um cinema do

1. Projeto de ensino cadastrado na PROGRAD, pelo Programa Institucional de Apoio Acadêmico (PIAA), desenvolvido no ano de 2015, com financiamento da Ufes. Atualmente, cadastrado como projeto de pesquisa na PRPP-G-Ufes, intitulada CINEMA, INFÂNCIAS E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.

universo”, ou seja, o cinema permite outros modos de relações entre homem-mundo diferentes dos considerados naturais: da percepção que se prolonga em ação, o automatismo do pensamento e da contemplação.

Desse modo, faz-se de fundamental relevância utilizar outros modos de pensamento, como o cinema para ajudar a por em análise os conceitos e as imagens de formação docente e de infância que engessam as relações educativas e a produção de subjetividades nas escolas. Apoiamo-nos em Deleuze (2007) ao propor essa experiência intensiva de usos de imagens cinematográficas com estudantes das licenciaturas e com crianças da educação infantil pois, o autor considera que o cinema moderno apresenta um caráter político, que em muitos casos fala de um povo que falta e do que há de intolerável na vida.

Deleuze (2006) ao se apoiar nas teorizações de Nietzsche sobre a ‘vontade de verdade’ que assombra a produção do pensamento, ajuda a problematizar as “clausuras” do ensino, da aprendizagem e das produções de subjetividade nas escolas. Destaca que esta ‘vontade de verdade’ imprime a busca por uma verdade já dada, pré-estabelecida, na qual o sujeito se lança ao que lhe é exterior e já está posto. Cabendo, por exemplo, ao professor ensinar os conteúdos, aplicar metodologias, regras, atingir metas e objetivos oficialmente instituídos e, aos alunos, se apropriar pacificamente destes conhecimentos e produzir bons resultados.

Porém, a vida é composta por diferentes linhas (DELEUZE; PARNET, 1998), que atuam diretamente na constituição dos indivíduos e dos grupos sociais, atravessam todo o tecido social e, diante do emaranhado dessas diferentes linhas, é que consideramos que as políticas formativas de professores se façam pela diferenciação e inventividade que compõem o cotidiano escolar.

IMAGENS ESCOLA

Com as interferências das licenciandas com um grupo de crianças de 2 e 3 anos de idade, essa experiência possibilitou estabelecer relações entre a proposta de se pensar a formação inicial de professores junto às crianças da Educação Infantil, provocando diferentes modos de pensar, sendo que através da imagem, dos afetos e das linguagens atribuímos e produzimos vários campos de significações, experiências e potencialidades na construção dos pensamentos.

A tessitura de “redes de conversações” (CARVALHO, 2009) entre crianças e professoras, através das imagens cinematográficas, possibilitou a interação e, conseqüentemente, ‘movimentou o pensar para a diferença’ (DELEUZE, 2007), o que permite a alteridade. Nessas redes, o que existiu foram dobras da individualidade dos sujeitos sobre a coletividade que emerge pelas relações educativas, e vice versa, abrindo o campo dos possíveis para práticas de uma educação diferencial: diferentes modos de *aprenderensinar*, de existir e de produzir conhecimentos.

Carvalho (2009) explicita que as conversações agenciadas nas práticas educativas ampliam as possibilidades de se pensar diferente, de descobrir e criar outros *saberesfazerespoderes*. Mas, para que o encontro de corpos ocorra de forma a tirar as práticas pedagógicas do repouso que leva à recongnição, as conversações precisam envolver os sujeitos de modo a “violentar” seus pensamentos (DELEUZE, 2003), provocar o enredamento entre as pessoas, rompendo com concepções de formação docentes verticalizadas, onde há um detentor do saber (adultos) e os *infantis* (crianças sem fala), levando em consideração todos os saberes, experiências, descobertas e visões de mundo.



Foto 1: Roda de conversa entre professoras e crianças.

Fonte: Arquivo pessoal das alunas/professoras

O que importou, no encontro entre alunas/professoras e crianças e cinema, não foi apenas observar imagens fílmicas ou “falar” por “falar”, mas sim o que devém nos encontros de corpos afetados pelas ‘imagens cinema’ (RODRIGUES, 2015). A provocação era o agenciamento dos diferentes desejos e a formação de corpos pulsantes e desejanteres que expressavam a multiplicidade e a complexidade dos modos aprendentes e ensinantes na Educação Infantil. Nesses agenciamentos e movimentos de aprendizagens educativas, o cinema pulsa e atravessa os diferentes saberes e desejos, sendo as imagens cinematográficas cada vez mais utilizadas em seus processos culturais e educativos. Muitos são os usos do cinema nos processos de escolarização, desde a infância: ocupação do tempo; docilização dos corpos; como dispositivos de reforço conteudista curricular; como clichês; ou como forma de mover o pensamento para a tessitura de uma aprendizagem diferencial e como potência afirmativa de vida.

Indo na contramão de reforçar os usos das imagens cinema como modos clichês de ensinar e aprender, a aposta foi nas imagens cinema e em suas potencialidades para a emergência de pensamentos e modos de vida mais éticos, estéticos e políticos,

desde a Educação Infantil. Nesse sentido, /--o cinema foi concebido pois “[...] não cessa de multiplicar e de pluralizar as razões pelas quais podemos crer no mundo, no amor e na vida” (ARÊAS, 2007, p. 108).



Foto 2: exibição de filmes infantis.

Fonte: Arquivo pessoal das alunas/professoras

Buscando perspectivas de formação docente junto às crianças, pelas ‘*imagensnarrativas*’ (RODRIGUES, 2015) que emergem entre crianças e professoras e cinema, ao possibilitar sair da reprodução de clichês e experimentar imagens de um tempo que dura e perdura como potência de vida, como disparador de pensamentos e conversas utilizou-se filmes para conversar sobre “As quatro estações do ano”, como modo de problematizar a vida e as aprendizagens produzidas entre crianças e professoras no cotidiano. A escolha dos filmes esteve relacionada com o projeto de ensino desenvolvido pela professora da turma que abordava “A vida como obra de arte nas quatro estações do ano”. Diante disso, foi possível colocar em questão com as crianças: a) *quais as mudanças ocorridas a partir das estações do ano.* b) *o que mais nos afeta em cada uma delas.*

IMAGENS NARRATIVAS ENTRE AS IMAGENS CINEMA E AS IMAGENS ESCOLA

A fim de ‘*dar língua para afetos que pedem passagem*’ (ROLNIK, 2007), as *imagensnarrativas* evocavam consigo a emergência das imagens cinema, suas cores, sons, músicas, enredos e narratividades, assim como, traziam à tona as imagens escola, com suas alegrias, planejamentos, criações, barulhos, acontecimentos inusitados e aprendizagens.



Foto 3: Crianças dançando ao se deslocarem para sala de vídeo

Fonte: Arquivo pessoal das alunas/professoras

No encontro com as crianças procurou-se apresentar desenhos infantis, trechos de filmes e imagens de personagens. Com intervenções semanais de aproximadamente uma hora, as crianças assistiam aos filmes propostos e os que solicitavam e, posteriormente, era feito um momento de conversas sobre o que foi assistido naquele dia. Através de rodas de conversa, as crianças enunciavam suas angústias com situações evidenciadas pelos filmes, mostravam solidariedade com as que sentiam medo, indagavam os por quês das estações do ano, indicavam não só como fisiologicamente eram afetadas por elas, mas como os afetos da natureza se faziam presente em suas vidas de modo individual e na coletividade. Esses apontamentos, por vezes, não eram capturados somente pela oralidade das crianças que se lançavam a conversar em roda, mas também pelas expressividades que o corpo lhes permitia.

Em determinado momento de um dos filmes propostos um dos personagens se perde de sua mãe e isso dispara um acontecimento entre as crianças. Uma criança se levanta e procura por sua mãe, aflita diz que precisa ver sua mãe, quando outra criança logo tenta acalmá-la, respondendo: *“calma é só um desenho, sua mamãe tá trabalhando e daqui a pouco ela chega tá”*.

O filme não tocou apenas em questões dos conteúdos das estações do ano, mas ganhava outros sentidos e novas expressões para as crianças. A separação de seu ente querido durante o período escolar, a solidariedade de outras crianças, o afeto produzido no encontro com as imagens cinema. As crianças rompiam com a tendência clichê de fazer as imagens fílmicas nas escolas serem objetivadas em prol dos conteúdos programáticos. O que estava em jogo não era apenas aprender sobre as quatro estações do ano, mas o que esse movimento produz no encontro com as crianças.

Outro momento interessante, durante uma roda de conversação, ao se falar das características do inverno, as crianças aparentavam muito concentradas e narravam

as imagens do filme, discutiam sobre os personagens, quando uma levantou a seguinte questão:

-“Ô tia, o inverno não existe.

Outra criança rebate:

-“Existe sim, o papai Noel mora no inverno, você não sabia?

Outras ressaltam:

- É mesmo.

A professora retorna a questão:

-“Por que você acha que não existe inverno?”

-“Todo dia tem sol e não tem neve nunca”.

Esse simples recorte, indica que as imagens cinema provocam o pensamento, violetam a sair do comum e dos clichês. O filme escolhido para abordar a estação do ano inverno não trazia as características do inverno de quem mora na região sudeste do Brasil, como no caso das crianças do CEI CRIARTE. A criança não reconhecia aquele inverno que lhes fora apresentado, com neve e, que outras crianças, o reconheciam pela figura do personagem “Papai Noel”.

As imagens cinema provocam e inquietam. Trazem *imagens narrativas* de uma vida. Vida em sua singularidade, em suas experiências, desejos, percepções, afetos. Trazem como possível o compartilhamento de mundos, colocando os clichês em questão e, com isso, lançam como possibilidade colocar a própria docência em questão.

IMAGENS ESCOLA E AS MARCAS NA FORMAÇÃO DOCENTE ... TENTATIVAS FRUSTADAS DE CONCLUIR

Essa experiência apresentou recortes de relações entre imagens cinema e imagens escolas na produção de processos aprendentes e ensinantes mais inventivos e abertos à diferença, fatos que potencializam à vida e os processos constituintes da docência. Trazem algumas marcas entre tantas outras produzidas, que não se esgotam aqui.

As imagens cinema, disparam e provocam o pensamento a buscar o novo, o que ainda não foi pensado. Sua força está em inquietar a vida a não reproduzir modelos de infância, de formação de professores e de educação. O que foi colocado em análise é a capacidade de afetar, de produzir bons encontros na cena educativa, de trazer pelas conversações, outros possíveis pela/para experiência infantil e docente. Trazem recortes de saberes, fazeres e poderes provisórios, sem centro de determinação, ou seja, sem “donos”, mas que ao serem compartilhados, agenciam outros modos de se pensar as relações de ensinoaprendizagem, sem que seja

necessário definir uma origem ou um foco de poder a se seguir: o professor ou a criança.

As imagens cinema e as imagens escolas potencializam os processos constituintes da docência ao abrirem o campo dos possíveis pelo movimento do pensamento. As marcas produzidas pelos encontros com o outro do pensamento: crianças, professoras, escolas, imagens cinematográficas, brincadeiras, conversas, desenhos, textos e ... e ... não determinam um jeito certo de ser professor, apenas apresentam linhas de experiência e de vida que se nomadizam, que buscam o novo, o criativo, o inusitado, inesperado e o impensado. Entre as linhas traçadas se exprime o desejo de afetar e de ser afetado em/pela educação.

REFERÊNCIAS

ARÉAS, James. Do universo bergsoniano das imagens às imagens do cinema em Deleuze. In: LECEF, Eric; BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Orgs.). **Imagens da Imanência**: escritos em memória de H. Bergson. Belo Horizonte : Autêntica, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. – 3ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2006.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. – Rio de Janeiro : Graal, 1988, 1ª edição, 2ª edição, 2006.

_____; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. **Imagem-Tempo**. 1985. Tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. – Brasiliense. 2007.

_____; **Proust e os signos**. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

RODRIGUES, Larissa Ferreira. **Entre imagens cinema e imagens escola, movimentando o pensamento com a formação de professores**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 83, 84, 98, 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 156, 213, 217, 219

Aprendizagem 22, 57, 107, 145, 157, 192, 201, 212

C

Cultura 9, 27, 171, 192

D

Desafios 2, 3, 253

Diversidade 213, 255

Docência 225, 257, 258, 259, 260

E

EAD 133, 213, 236

Educação 1, 2, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 35, 36, 38, 45, 46, 47, 53, 57, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 78, 79, 80, 89, 99, 100, 101, 102, 109, 110, 112, 121, 122, 123, 124, 126, 131, 132, 133, 145, 146, 147, 148, 151, 156, 158, 193, 204, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 216, 218, 219, 220, 221, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 245, 247, 248, 253, 254, 255, 258, 260, 264, 265, 266, 267

Educação Sexual 267

Empoderamento 242

Ensino 10, 11, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 40, 63, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 122, 123, 125, 151, 191, 192, 198, 202, 223, 227, 229, 258, 260, 265, 266

Escola 17, 38, 60, 61, 89, 96, 126, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 139, 140, 143, 145, 146, 238, 255, 259, 260, 261, 263

Estética 2, 5

Ética 2, 190, 192, 193

Experiência 257

F

Formação 2, 1, 2, 9, 10, 12, 13, 59, 68, 132, 213, 225, 227, 228, 229, 247, 257, 265, 267

G

Gênero 246

Gestão 10, 14, 89, 93, 110, 123, 132, 133, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 225, 265

I

Inclusão 1, 212, 255

Indivíduos 46

Informação 25, 51, 76

Intuir 134

L

Ler 142

M

Magistério 132

P

Pedagogia 9, 21, 23, 68, 70, 89, 96, 147, 151, 208, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 245, 255, 267

Perspectivas 253

Pesquisa 18, 19, 20, 36, 46, 100, 110, 123, 190, 212, 213, 225, 227, 255

Políticas 98, 133, 265

Práticas 59, 79

Processo 68, 135

Q

Qualidade 98, 101, 102, 110, 198, 199, 200

R

Respeito 29

S

Sexualidade 208, 209, 212, 267

T

Tecnologias 25, 76, 123, 132, 133, 213, 217, 219, 267

TIC 25, 30, 131, 133, 214, 217, 224

Trabalho 33, 45, 86, 133, 193, 195, 198, 200, 213, 218, 247

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-568-6

